

O sintoma da criança: produção compósita de desejo e de gozo¹

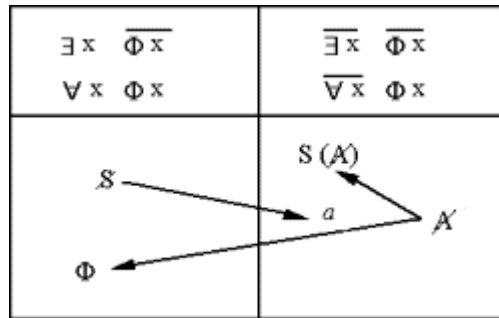
Júlio Eduardo de Castro & Marina Gabriela Silveira

Na “Nota sobre a criança”² Lacan formula, por um lado, que “o sintoma da criança acha-se em condições de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar”. Nessa direção, “o sintoma (...) se define, em psicanálise, como representante da verdade”. E, por outro lado, o sintoma da criança “decorre da subjetividade da mãe”. Ela, a criança, se torna, portanto, o ‘objeto’ da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. “A criança realiza, então, a presença do que Jacques Lacan designa como objeto a na fantasia”.

Nessa “Nota”, Lacan ressalta que a criança “satura, substituindo-se a este objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo da mãe, seja qual for a estrutura: neurótica, perversa ou psicótica”³.

Partimos desses fragmentos para pensar a posição enigmática da criança frente ao Outro, pois é a partir de quem ocupa esse lugar que a criança, por meio de seu sintoma, responde à modalidade de falta do Outro materno, substituindo-se a esse objeto que falta.

Tais ‘modalidades de falta’ remetem às fórmulas lacanianas da sexuação. Tais fórmulas foram estabelecidas no final da década de 60 e início dos anos 70, e são o ponto de convergência do que há muito já perpassava o pensamento laciano, a saber, a relação dos seres falantes com a lógica fálica e com aquilo que escapa a essa mesma lógica. Daí por diante, o estabelecimento das fórmulas da sexuação foram assim escritas em *O seminário, livro 20: mais, ainda*⁴:



Tais fórmulas registram uma lógica dissimétrica das posições homem e mulher, não em termos biológicos, mas em uma acepção lógica, pois diferenciam os sexos pelo modo como se inscrevem em face à função fálica. Sendo assim, a parte esquerda designa a posição *homem*, enquanto que o *Outro* sexo fica circunscrito à parte direita.

Nelas pode-se ler: se há o lado esquerdo fundado pela função do pai real que, por escapar, ser exceção à castração, $\exists x \overline{\Phi x}$, funda o conjunto todo submetido à função fálica, $\forall x \Phi x$, do mesmo modo, há o *Outro* lado que, por não ter aquele que escape à castração $\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$, também não funda este conjunto todo submetido à lógica fálica, $\overline{\forall x \Phi x}$. Essas fórmulas demonstram ainda que essa divisão estabelece que, do lado esquerdo, portanto, localiza-se aquilo que é passível de significação, função típica do registro simbólico, S e Φ , e, do outro lado, aquilo que escapa à significação, ou seja, o que pertence ao real, a saber, a , A e $S(A)$.

Portanto, nas fórmulas da sexuação se inscrevem duas modalidades de falta: S e $S(A)$. A primeira corresponde ao limite imposto ao sujeito pela função fálica, pela castração; e a segunda designa a falta de um significante que especifique o ser sexuado feminino, e designa o furo na cadeia simbólica.

Observa-se que o $\$$ está localizado do lado masculino, aquele que é passível de significação, significação fálica. E o $S(\bar{A})$ localiza-se do lado feminino, ou seja, aquele que não é parasitado pelo significante fálico, e que escapa, portanto, a qualquer significação.

Sendo assim, é a partir dessas duas modalidades de falta do Outro materno e das implicações que a elas se somam, que se vai analisar o sintoma da criança.

Freud já havia formulado algo de específico da sexualidade feminina: o *Penisneid*. Ele assevera que "talvez devêssemos identificar esse desejo de pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino"⁵. O pênis aqui deve ser entendido em seu valor simbólico. Em outras palavras, o falo é a referência simbólica daquilo que pode faltar ($-\phi$) e ser representado (Φ).

Como solução ao *Penisneid*, Freud aponta três vias: a histeria, a maternidade e psicose. Aqui será considerada somente a segunda via, que é a solução que diretamente concerne a este estudo, uma vez que a mãe-mulher pode aí fazer de seu filho suplência às próprias faltas.

Sendo assim, a maternidade é, para Freud, um dos nomes da feminilidade. Entretanto, para Lacan, ao preço de a mulher se localizar no lado masculino das fórmulas da sexuação. Por isso Lacan evidencia que a mulher enquanto mãe responde às fórmulas da sexualidade masculina, responde ao 'todos inscritos na função fálica' e, portanto, ao universal. Ela é toda fálica, não porque tenha o falo, mas porque é toda submetida à função fálica como função simbólica da castração.

No inconsciente, portanto, a solução à feminilidade que a maternidade viabiliza faz da mãe um $\$$, um sujeito barrado, dividido pelo significante. E como mostram as fórmulas da sexuação, um sujeito referido ao objeto a ($\$ \rightarrow a$).

Em Lacan, o objeto *a* designa o objeto causa do desejo. No entanto, essa formulação não poderia deixar de levar ao estabelecimento do objeto como mais-de-gozar, fórmula essa que foi extraída de *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*⁶, quando Lacan constata que o objeto *a* está preparado, por sua estrutura, para ser o lugar de captura do gozo.

Desta feita, o que se evidenciou foi que o objeto *a*, por sua própria natureza, apresenta uma dupla dimensão, que concerne ao desejo e ao gozo.

Essa dupla face do objeto *a* se esboça na fórmula da fantasia, $\$ \langle \rangle a$. O símbolo matemático $\langle \rangle$ localizado entre o sujeito e o objeto, lido com punção, se refere concomitantemente a uma junção/continuidade entre o sujeito e a causa de desejo e a uma disjunção/descontinuidade entre o sujeito e o gozo. Desejo e gozo, respectivamente em continuidade (\rangle) e descontinuidade (\langle) para com o sujeito.

Sendo assim, a partir dessa dupla dimensionalidade do objeto *a*, vê-se que a criança pode ocupar predominantemente o lugar de falo (um dos apoios do objeto causa do desejo) ou o de objeto condensador de gozo. E localizar-se de um ou de outro lado dependerá da operação da metáfora paterna⁷.

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Nessa escritura, o pai e a mãe estão presentes como significantes. O pai é reduzido a um nome, ao significante Nome-do-Pai e a mãe é reduzida à função do desejo. Como o pai é uma metáfora, a metáfora paterna sugere uma substituição significante: o significante Nome-do-Pai surge, então, substituindo o lugar de outro significante, o desejo enigmático da mãe, sendo que o significado induzido pela metáfora é o falo.

"A pergunta é: qual é o significado? O que quer essa mulher aí?"⁸. Além da criança, "há outra coisa que mexe com ela - é o x, o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo"⁹. Em suma, o objeto do desejo da mãe, a partir dessa operação metafórica, se apresenta sob a forma estrutural do falo.

Por conseguinte, a criança busca ser o objeto do desejo materno, o falo da mãe (Φ): "como conceber que a criança que tem o desejo de ser o objeto do desejo de sua mãe atinja a satisfação? Evidentemente, não há outro meio senão surgir no lugar do objeto do desejo dela"¹⁰.

Sendo assim, a metáfora paterna confere à criança a valoração fálica ao comportar a simbolização metafórica do desejo da mãe. E, ao conferir a significação fálica à criança, impede a 'bocarra da mãe-crocodilo' de se fechar, ou seja, o desejo da mãe não se encerra em seu filho. Graças à inscrição fálica a questão feminina não se fecha em torno da criança.

Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão - a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. (...)

Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha¹¹.

A mãe, cujo desejo é insaciável, encontra em seu filho o substituto fálico, portanto causal, para o seu desejo. Mas, mesmo assim, seu desejo continua sendo insaciável, pois participa de uma dupla enganação. Em outras palavras, o que é possível, por um lado, é a mãe enganar-se com a plenitude advinda da maternidade e, por outro, a criança enganar-se na ilusão de ser o objeto que satisfaça plenamente a mãe. Engano porque o desejo é, por estrutura, aquilo que jamais pode ser satisfeito.

É nesse contexto que Hans¹² e sua mãe se veem localizados em um 'paraíso', como ironiza Lacan. Paraíso de engodo marcado pelo "jogo onde se é o que não se é, onde se é para a mãe tudo o que a mãe quer"¹³. Portanto, o falo é o que Hans simula ser. E a conduta da mãe de Hans indica que ele é, para ela, um apêndice indispensável, pois ela o "carrega consigo para todo o canto, desde o banheiro, até a sua cama"¹⁴. Sem pormenorizar essa análise, pois não é o objetivo de nosso trabalho, pode-se dizer que, no caso de Hans, mesmo que o pai pouco tenha incidido na relação mãe-filho, não houve uma falha na operação da metáfora paterna, pois Hans se mantém como objeto do desejo materno: o falo.

No entanto, se a metáfora paterna falha, ou seja, "quando não tem mediação - aquela que é normalmente assegurada pela função do pai"¹⁵ -, a criança pode realizar a presença do objeto a na fantasia da mãe. Em outras palavras, conforme elucidado acima, na fórmula da fantasia estão confrontados o sujeito (\$) e o objeto a. Tomando esta fórmula, vê-se que a mãe, enquanto sujeito, está em (dis)junção com seu filho-objeto. Objeto que, neste caso, se apresenta, predominantemente, em sua face mais-de-gozar.

Isso porque, nesse contexto, o "Nome-do-Pai pode, pois, responder no Outro a um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica"¹⁶. Aqui a criança não é um substituto, mas sim o objeto da mãe, objeto condensador de gozo, para ser mais específico.

Se a metáfora paterna falha, ou seja, não consegue metaforizar o desejo da mãe - e, por consequência, o lugar que a criança ocupa neste desejo -, fica um furo sem ser simbolizado, fica um furo real no simbólico.

Lacan diz que a criança, nesse lugar de objeto, "não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto (...). Ela aliena em si qualquer acesso possível da

mãe à sua própria verdade"¹⁷. Qual é a verdade desse objeto? Qual é a verdade dessa mãe?

Como visto acima, a maternidade se localiza nas fórmulas da sexuação, do lado da significação fálica. No entanto, o que essas fórmulas revelam, a partir de suas setas, é que os lados se articulam entre si. Portanto, dessa articulação pode-se ler o que concerne à mãe como sujeito-feminino: enquanto sujeito, ela de fato tem relação com a significação fálica, mas, enquanto feminino, algo escapa a essa mesma significação.

Algo escapa e não se registra, não se captura pelo significante e fica, portanto, sem possibilidade de significação: $S(\bar{A})$. Em outras palavras, resta um buraco, um vazio na significação. Esta é a "própria verdade": a mulher é não-toda fálica, uma vez que a mediação fálica não "drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher"¹⁸.

Se a mãe é um crocodilo *quaerens quem devoret*, falar que a metáfora paterna falhou é considerar que a bocarra se fechou, uma vez que o que a mantém aberta é o falo, que é atribuído à função paterna. Se o falo não viesse como estaca ao fechamento da bocarra, a mãe reintegraria seu produto, o filho. Sendo assim, na condição de objeto da mãe a criança pode vir a ocupar esse lugar vazio, pode vir a ser um objeto tampão e, assim, ser integrada à mãe-mulher que fica 'livre' de se haver com a posição feminina.

Neste contexto, em que a criança se localiza e é localizada como objeto, pode-se dizer que ela permanece no lugar de a-sujeito. Como objeto a apaga-se a dimensão do sujeito criança, ela não é outra coisa senão esse objeto condensador do gozo materno.

A esse respeito, pode-se reconhecer a figura paradoxal de Medeia, que assume seu ser de mulher pela identificação ao objeto causa do desejo de Jasão. E seus filhos, onde se localizam em relação à Medeia? Localizam-se como objeto.

Sabe-se que Medeia entrou sem limites nessa identificação com o a, situando-se como único objeto causa de desejo para Jasão. E quando esta se vê desalojada de seu lugar de causa, seus filhos também caem como objeto. Objeto de vingança: ao se ver despojada de seu lugar, Medeia, para atingir o homem, Jasão, mata seus filhos. Em suas palavras: "Matando-os, firo mais o coração do pai"¹⁹.

Mas, ao que parece, se a mãe de Hans é um ser que para 'não saber nada disso' assume a posição de sujeito, \$, Medeia, para 'não saber nada disso' localiza-se predominantemente como objeto. Se na primeira a dimensão mulher é apagada, na segunda o que se apaga é a dimensão mãe. Pois, tomando novamente as fórmulas da sexuação, do a não parte nenhuma seta. Medeia participa desse lado feminino, participa do Outro gozo, e suas crianças, seus filhos, são para ela nada mais que um meio de atingir seu homem, pai desses filhos.

Em outras palavras, com seu ato de vingança Medeia demonstra que a contenção de sua feminilidade por meios fálicos - ou seja, a feminilidade 'toda' subordinada ao registro do Simbólico - sofre uma ruptura, de modo que esses meios não bastam para conter a força de sua vingança, vingança esta que se impõe como gozo do Outro sexo, gozo feminino: o sacrifício da criança/filho como meio para atingir seu homem.

Com estes dois exemplos, Hans e sua mãe, Medeia e seus filhos, já se vislumbra a localização da criança diante das 'modalidades de falta' pelas quais o Outro materno é atravessado, tal como está escrito nas fórmulas da sexuação. A dupla dimensão do objeto a também aponta para algo dessa mesma localização: entre a causa e o gozo.

E o que insiste em se fazer escutar/ler nesse artigo é a composição de desejo e de gozo a que o sintoma da criança está submetido.

E onde a criança se localiza nas fórmulas? No lugar do *a*. Sendo assim, a dupla dimensão do objeto *a*, bem como a articulação entre os lados das fórmulas da sexuação, nos revelam que o sintoma da criança é uma produção compósita de desejo e de gozo, variadas as proporções.

Tanto em Freud como em Lacan encontram-se duas concepções do sintoma. Na primeira concepção, o sintoma é produto do recalque, uma vez que é uma via indireta e distorcida da realização do desejo. Enquanto a segunda entende que o sintoma é a resposta a uma satisfação pulsional insuportável.

Na primeira concepção, o recalque sobre o desejo tem como efeito a formação do sintoma, uma vez que o recalque deixa um resto que insiste em se expressar de alguma forma. E seu meio de expressão é o sintoma. Em outras palavras, o conteúdo recalcado precisa encontrar uma forma de descarga libidinal, e esta se dá através do sintoma, por meio do mecanismo de substituição. Nesse aspecto, o sintoma é uma metáfora que visa fundamentalmente à realização indireta de um desejo recalcado²⁰ e, ainda, o lugar em que a angústia sinaliza²¹ a aproximação do objeto *a*²².

Em Lacan, também se encontra algo similar acerca do sintoma:

O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição.

Mas é uma fala em plena atividade, pois inclui o discurso do Outro no segredo do seu código.

Foi decifrando essa fala que Freud encontrou a linguagem primeira dos símbolos, ainda viva no sofrimento do homem da civilização²³.

Nesse fragmento está exposta a dimensão do sintoma enquanto um significante cuja função é inscrever no corpo, na 'areia da carne', algo que se mostra de forma ilusória,

como 'o véu de Maia'. Algo se dá a ver e que, no entanto, deve ser mostrado de forma invertida, deformada, mas ainda assim passível de se fazer mostrar, de dizer. Sendo assim, mesmo que distorcido, o sintoma fala, tem um sentido que deve, portanto, ser ouvido, decifrado.

O que se mostra no sintoma, e o que não deve ser mostrado? O que Freud 'ouviu falar' nos sintomas? Ora, não foi outra coisa senão o desejo. O que Freud "apreendeu nos sintomas (...) foi sempre um desejo", diz Lacan²⁴. Assim como o sonho, o sintoma comporta a realização de desejo.

No entanto, Lacan insistiu que se trata de uma "satisfação às avessas", pois "evidencia-se desde logo, portanto, que o desejo está ligado a alguma coisa que é sua aparência e, para dizermos a palavra exata, sua máscara"²⁵. Há, assim, um "vínculo estreito que é mantido pelo desejo, tal como se apresenta a nós na experiência, com aquilo de que ele se reveste"²⁶.

Com essa frase, Lacan pretende corroborar que o sintoma não é o desejo, mas a "máscara" com a qual o desejo, que não é passível de apreensão direta, pode se expressar, se realizar.

Mas nem tudo do sintoma diz respeito à realização do desejo e nem tampouco se mostra passível de representação sintomática. E ainda que haja o recalque do desejo, resta em cena a satisfação/vazão pulsional.

Tal satisfação se opera pelo deslocamento de uma atividade que geraria satisfação e que, no entanto, é proibida, para outra atividade que gera outra satisfação, substitutiva. E o que gera o sintoma nesse caso é a satisfação sentida como insuportável. Dessa forma, está imbricada a pulsão - que leva o sujeito à repetição e a se satisfazer sempre de forma indireta por meio do sintoma.

Nessa concepção freudiana - por ele próprio designada como 'ponto de vista econômico' - já se vislumbra a

dimensão de usufruto pulsional que concerne ao sintoma, ou seja, a existência da satisfação libidinal que sempre retorna ao mesmo lugar, incessantemente. E por mais que isso cause sofrimento, é difícil para o sujeito se livrar de seu sintoma, daquilo que paradoxalmente 'faz mal' e traz satisfação.

No entanto, se quanto à dimensão do desejo o sintoma é interpretável, quanto à dimensão de satisfação pulsional, não. Isso pode ser corroborado em "Inibição, sintoma e angústia"²⁷, quando Freud reconhece que os sintomas, que atendem à satisfação pulsional, tendem à repetição e se mostram mais resistentes à decifração, ou seja, a palavra aí encontrou limite/impossibilidade de abordar/analisar o sintoma, pois neste havia algo do gozo que escapava a ela. De modo que os antigos leitões/caminhos de satisfação abertos pela libido, com destaque para o sintoma, jamais seriam abandonados, com a libido aí sempre retornando.

Essa força quantitativa presente no sintoma levou Lacan a concluir que "o sintoma, por natureza, é gozo, não se esqueçam disso, gozo encoberto, sem dúvida"²⁸.

Portanto, ao que parece - ou como realização indireta de desejo ou como um modo de gozo - o sintoma é a máscara que "reveste" o desejo e "encobre" o gozo.

Assim, o sintoma emerge como um derivado múltiplas-vezes-distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente (...).

Pelo caminho indireto, via inconsciente e antigas fixações, a libido finalmente consegue achar sua saída até uma satisfação real²⁹.

Portanto, o sintoma, como realização do desejo e representante do conteúdo recalçado, tem um sentido, ele fala alguma coisa, mesmo que o sujeito nada queira saber sobre isso. Mas, além de falar, ele serve ao gozo. É por essa dupla razão, realização de desejo e modo de gozo, que

o sintoma é tão caro ao sujeito, que lhe custa tanto se haver com ele.

Portanto, se como formação do inconsciente o sintoma comporta a realização metafórica do desejo que está inscrito na cadeia significante, como satisfação pulsional ele envolve o ganho primário, o excesso/resto pulsional, o gozo, e não se mostra representável pelo significante.

Este é o ponto que permite dizer que o sintoma é uma formação compósita de desejo e gozo. E no que diz respeito à criança, como já mencionado acima, a própria posição da criança como objeto a revela essa composição, uma vez que esse mesmo objeto concerne ao desejo e ao gozo.

Na clínica, o sintoma da criança se revela de maneira complexa, onde estão paradoxalmente imbricados o desejo da mãe (DM) e o gozo d' \mathcal{A} mulher [$S(\mathcal{A})$], e o que a verdade do casal aí apresenta, bem como o desejo da criança e seu próprio gozo.

Em outras palavras, no sintoma da criança há uma articulação paradoxal entre o desejo e o gozo atravessada pelo Outro gozo. Pois, se $\$$ traz a dimensão do desejo (e do gozo fálico), $S(\mathcal{A})$ traz a dimensão do Outro gozo.

Por conseguinte, conclui-se, por um lado, que como equivalente do falo, como objeto condensador de gozo, a dimensão constitucional e estrutural do desejo não se apaga e, por outro lado, que o Outro gozo atravessa qualquer sujeito, pois ele é efeito de algo que é radical, que é a falta irremediável do significante no campo do Outro [$S(\mathcal{A})$], o significante que lhe falta, impossível de nomeação.

Consequentemente, se a investigação teórica priorizava a investigação da clínica psicanalítica com crianças, o que se revelou foi que a composição do sintoma da criança é a mostra de que todo e qualquer sujeito nasce e vive diante desta falta elementar, $S(\mathcal{A})$. Do vazio constitucional

da ordem simbólica, deste resto real que abre tanto a possibilidade para o desejo quanto para o gozo, não se pode escapar. E daquilo que não se pode escapar, não se pode recuar. E o sujeito criança terá, portanto, que se haver, no tratamento psicanalítico, com S(~~A~~), principalmente a partir da divisão que irremediavelmente marca a mulher-mãe: entre o gozo fálico e o Outro gozo. Daí a pertinência de termos abordado a localização da criança, a respeito de seu sintoma, diante do Outro materno - sobretudo diante das duas modalidades da falta materna: a que alude ao seu filho como causa e a que nos mostra algo de seu gozo diante do mesmo.

¹ Este artigo é derivado, tanto de uma questão originada no Cartel na EBP-Minas (2008) sobre 'a psicanálise da criança', como da pesquisa de mestrado que se seguiu: SILVEIRA, M. G. (2011). "De uma questão preliminar à psicanálise com crianças: as consequências clínicas da sexualidade feminina". Dissertação de Mestrado em Psicologia. Minas Gerais: Universidade Federal de São João del Rei.

² LACAN, J. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 369-370.

³ IDEM. *Ibid.*, p. 370.

⁴ IDEM. (1982[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 105.

⁵ FREUD, S. (1996[1933]). "Conferência XXXIII: Feminilidade". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 128.

⁶ LACAN, J. (2008[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁷ IDEM. (1998[1957-1958]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 563.

⁸ IDEM. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 181.

⁹ IDEM. *Ibidem*.

¹⁰ IDEM. *Ibid.*, p. 207.

¹¹ IDEM. (1985[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 105.

¹² FREUD, S. (1996[1909]). "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 13-154.

¹³ LACAN, J. (1995[1956-1957]). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 232.

¹⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 249.

-
- ¹⁵ IDEM. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit., p. 369.
- ¹⁶ IDEM. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Op. cit., p. 564.
- ¹⁷ IDEM. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit., p. 369-370.
- ¹⁸ IDEM. (1998[1960]). "Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina". In: *Escritos*. Op. cit., p. 739.
- ¹⁹ EURÍPEDES. (1991). *Medéia, Hipólito, as troianas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 52.
- ²⁰ FREUD, S. (1996[1917]). "Conferência XXIII: os caminhos da formação dos sintomas". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 361-378.
- ²¹ IDEM. (1996[1926]). "Inibição, sintoma e ansiedade". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 81-171.
- ²² LACAN, J. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ²³ IDEM. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit., p. 282.
- ²⁴ IDEM. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Op. cit., p. 331.
- ²⁵ IDEM. Ibidem.
- ²⁶ IDEM. Ibidem.
- ²⁷ FREUD, S. (1996[1926]). "Inibição, sintoma e ansiedade". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Op. cit., p. 81-171.
- ²⁸ LACAN, J. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Op. cit., p. 178.
- ²⁹ FREUD, S. (1996[1917]). "Conferência XXIII: os caminhos da formação dos sintomas". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Op. cit., p. 363.